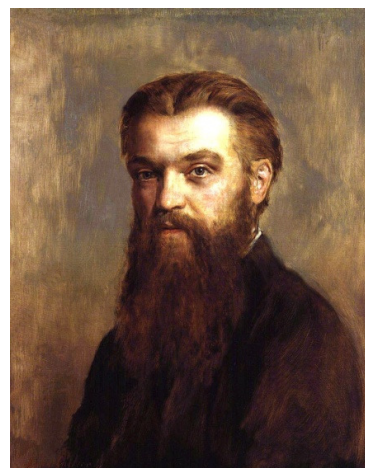


Pamprotopsiquismo (1878)

William Kingdon Clifford (1845-79)

Seções finais de CLIFFORD, W.K., “On the nature of things-in-themselves”, in Stephen, L. & Pollock, F. (orgs.) (1879), *Lectures and essays by the late William Kingdon Clifford*, vol. 2, Macmillan, London, pp. 71-88. Originalmente em *Mind* 3(9), 1878, p. 57-67. O “pamprotopsiquismo” é definido por Chalmers (2013) como a concepção de que tudo, ou boa parte do mundo, têm propriedades que são precursoras da consciência. Segundo Skrbina (2005, p. 142), Clifford defendeu uma forma de paralelismo spinoziano com elementos do materialismo vitalista de la Métrie e Diderot, um exemplo atenuado de pampsiquismo. William James (1890) dedicou um capítulo a este “mind-stuff theory”, que traduzimos por “teoria do material-mental”.

Adaptação feita por Osvaldo Pessoa Jr. para o curso de TCFC III: Filosofia das Ciências Neurais, FFLCH, USP, 2016.



W.K. Clifford, por John Collier (1898). Matemático notável, morreu de tuberculose na Ilha da Madeira aos 33 anos.

[5] *Correspondência entre Elementos da Mente e Ação Cerebral*

[78] Já falei de certos fatos ejetivos¹ – as mudanças em sua consciência – como transcorrendo paralelamente às mudanças em seu cérebro, que são fatos objetivos. O sentido de paralelismo usado aqui é um paralelismo de complexidade, uma analogia de estrutura. Uma sentença falada e a mesma sentença escrita são duas coisas completamente diferentes, mas cada qual consiste de elementos; a sentença falada de sons elementares da linguagem, a sentença escrita de seu alfabeto. [...] [79] Como os sons construídos juntos para formar uma sentença falada, as letras são construídas juntas *de uma maneira muito próxima* para formar a sentença escrita. Os dois produtos complexos são globalmente tão diferentes quanto o são os elementos, mas o modo de sua complicação é o mesmo. Ou, como diríamos na matemática, uma sentença falada é a mesma função dos sons elementares como a sentença escrita o é das correspondentes letras.

É de tal natureza a correspondência ou paralelismo entre mente e corpo. O ‘pronunciamento’ [*deliverance*] fundamental da consciência afirma sua própria complexidade.

¹ Clifford define “ejetivo” [*eject*] como a “consciência de outra pessoa” (p. 77), em oposição aos “objetos” em minha consciência. “Proponho chamar essas existências inferidas de *ejetos* [*ejects*], coisas ejetadas [*thrown out*] de minha consciência, para distingui-los dos *objetos*, coisas apresentadas em minha consciência, fenômenos” (pp. 72-3).

Parece-me impossível, da maneira como estou presentemente constituído, ter apenas um sentimento [*feeling*] simples e absoluto por vez. Não somente minhas percepções objetivas, como a da cabeça de um homem ou de uma vela, são formadas de um grande número de partes ordenadas de maneira definida, mas elas também são acompanhadas invariavelmente por uma cadeia infundável de memórias, todas igualmente complexas. E aqueles sentimentos orgânicos maciços com os quais, devido à sua aparente falta de ligação com a ordem objetiva, a noção de consciência tem sido principalmente associada, esses também se mostram como coisas complexas, quando a atenção é para eles dirigida. [...] [80] Diante dessas circunstâncias, parece-me que a consciência deve ser descrita como uma sucessão de grupos de mudanças, análoga a uma corda feita de um grande número de fios que ocasionalmente se entrelaçam.

Sendo assim, deve-se ressaltar que há uma unidade em toda essa complexidade, que em todos esses variados sentimentos sou eu quem sou consciente, e que este senso de personalidade, a auto-percepção do Ego, é una e indivisível. Parece-me (concordando aqui com Hume) que a ‘unidade da apercepção’ não existe na consciência instantânea que ela unifica, mas somente na reflexão subsequente sobre ela; e que ela consiste de um poder para estabelecer uma certa conexão entre memórias de quaisquer dois sentimentos que tivemos no mesmo instante. Um sentimento, no instante em que *existe*, existe “em si e para si” [*an und für sich*], e não como *meu* sentimento; mas

quando por reflexão eu lembro dela como meu sentimento, surge não apenas uma pálida repetição do sentimento, mas inextricavelmente ligada a ela um grande conjunto de conexões com a corrente geral de minha consciência [*the general stream of my consciousness*]. Esta memória, [81] novamente, enquanto memória, é relativa ao sentimento passado que ela parcialmente relembra; mas na medida em que ela própria é um sentimento, ela é absoluta, coisa-em-si [*Ding-an-sich*]. [...] Quando uma corrente de sentimentos é tão compacta que a cada instante ela consiste de (1) novos sentimentos, (2) repetições mais pálidas de sentimentos anteriores, e (3) elos ligando essas repetições, a corrente é denominada uma consciência. Uma agrupamento bem mais complicado do que necessariamente implicado aqui estabelece-se quando impressões discretas vêm juntas na percepção de um objeto. A *concepção* de um objeto particular, enquanto objeto, é um grupo de sentimentos que é simbólico de muitas percepções diferentes, e de elos entre eles e outros sentimentos. [...]

Não preciso apresentar aqui as evidências que mostram [82] que a complexidade da consciência é paralela à complexidade da ação no cérebro. Só é necessário apontar o que parece para mim ser uma consequência das descobertas de Müller e Helmholtz com respeito à sensação: que pelo menos aqueles sentimentos distintos que podem ser lembrados e examinados pela reflexão têm paralelo em mudanças em apenas uma porção do cérebro. No caso da visão, por exemplo, há uma mensagem levada de coisas externas à retina, e de lá enviada para algum lugar pelo nervo óptico; agora podemos estimular esse telégrafo em qualquer ponto e produzir a sensação da visão, sem qualquer impressão na retina. Disso parece seguir que o que é conhecido *diretamente* é o que ocorre na terminação interna deste nervo, ou que a consciência da visão é simultânea e paralela em complexidade com as alterações na matéria cinzenta na extremidade interna, e não com as alterações no próprio nervo, ou na retina. Da mesma forma, uma dor em uma parte particular do corpo pode ser imitada por uma nevralgia devida a lesão em outra parte.

Chegamos então finalmente a dizer que, como sua consciência é feita de sentimentos

elementares agrupados juntos de várias formas (fatos ejetivos), assim também uma parte da ação em seu cérebro é feita de mais ações elementares em partes dele, agrupadas juntas *das mesmas maneiras* (fatos objetivos). O conhecimento desta correspondência é uma ajuda para a análise de ambos os conjuntos de fatos; mas ela nos ensina, em particular, que qualquer sentimento, por mais aparentemente simples, que possa ser retido e examinado pela reflexão, já é por si mesmo uma estrutura muito complexa. Podemos porém concluir que essa correspondência se estende aos elementos, e que cada sentimento simples corresponde [83] a uma alteração especial e comparativamente simples da matéria nervosa.

[6] *O Sentimento Elementar é uma Coisa-em-si.*

A conclusão de que sentimento elementar coexiste com movimento-cerebral elementar, da mesma maneira que a consciência coexiste com movimento-cerebral complexo envolve mais consequências importantes do que pode parecer à primeira vista. Consideramos a consciência como um complexo de sentimentos, e explicamos o fato de que o complexo é consciente por depender do modo de complicação. Mas o sentimento elementar em si não implica uma consciência em que ele possa existir sozinho, e da qual ele seja uma modificação? Um sentimento pode existir por si só, sem formar uma parte de uma consciência? Responderei *não* à primeira pergunta, e *sim* para a segunda, e parece-me que tais respostas são exigidas pela doutrina da evolução. Pois se esta doutrina for verdadeira, teremos ao longo da linhagem humana uma série de passos imperceptíveis ligando a matéria inorgânica a nós. Para os últimos membros da série, devemos sem dúvida atribuir consciência, apesar de ela dever, é claro, ser mais simples do que a nossa. Mas onde devemos parar? No caso de organismos de uma certa complexidade a consciência é inferida. À medida que voltamos na linhagem, a complexidade do organismo e de sua ação-nervosa diminui insensivelmente; e para a primeira parte de nosso percurso vemos razão para pensar que a complexidade da consciência também diminui insensivelmente. Mas se

dermos um salto, digamos para os moluscos tunicados, não vemos razão ali em absoluto para inferir a existência da consciência. Mesmo assim, não só é impossível apontar um local [84] onde ocorre uma quebra súbita, mas vai contra todo o treinamento natural de nossas mentes supor que uma violação tão grande de continuidade. Toda essa linhagem imaginada de organismos é uma série de objetos em minha consciência; eles formam uma gradação insensível, mas mesmo assim haveria um certo ponto desconhecido em relação ao qual eu tenho a liberdade de inferir fatos *a partir* de minha consciência correspondendo a eles! Há somente uma maneira de sair da dificuldade, e é para lá que somos dirigidos. A consciência seria um complexo de fatos ejetivos – de sentimentos elementares, ou melhor, daqueles elementos mais remotos que não podem nem ser sentidos, mas a partir do qual o sentimento mais simples é construído. Tais fatos ejetivos elementares acompanharia a ação de cada organismo, por mais simples que seja; mas seria só quando o organismo material alcança uma certa complexidade de estrutura nervosa (não especificada agora) que o complexo de fatos ejetivos alcança aquele modo de complicação que é chamado de Consciência. Mas como a linhagem de ascendência não é quebrada, e deve terminar por fim na matéria inorgânica, não temos escolha senão admitir que todo o movimento da matéria é simultâneo a algum fato ejetivo ou evento que possa ser parte de uma consciência. Disso seguem dois importantes corolários.

1. Um sentimento pode existir por si mesmo, sem formar parte de uma consciência. Ele não depende, para sua existência, da consciência da qual ele pode fazer parte. Portanto, um sentimento (ou elemento-ejetivo) é *Ding-an-sich* [coisa-em-si], um absoluto, cuja existência não é relativa a qualquer outra coisa. *Sentitur* [é sentido; sensação] é tudo o que pode ser falado.

2. Esses elementos-ejetivos, que correspondem a movimentos da matéria, estariam ligados entre si em sua sequência e coexistência por contrapartidas das leis físicas da [85] matéria. Caso contrário, a correspondência não poderia ser mantida.

[7] *O Material-mental é a Realidade que percebemos como Matéria.*

Aquele elemento do qual, como vimos, até o sentimento mais simples é um complexo, chamarei *Material-mental* [*Mind-stuff*]. Uma molécula de matéria inorgânica em movimento não possui mente ou consciência; mas ela possui uma pequena porção de material-mental. Quando as moléculas são combinadas para formar o filme da parte de baixo da água-viva, os elementos do material-mental que o acompanham são combinados de maneira a formar o tênue início da Sensciência. Quando as moléculas são combinadas de maneira a formar o cérebro e o sistema nervoso de um vertebrado, os correspondentes elementos do material-mental são combinados de maneira a formar alguma espécie de consciência; em outras palavras, alterações no complexo que ocorrem ao mesmo tempo são ligados juntos de tal forma que a repetição de um implica a repetição do outro. Quando a matéria adquire a forma complexa de um cérebro humano vivo, o correspondente material-mental adquire a forma de uma consciência humana, possuindo inteligência e volição.

Suponha que eu veja um homem olhando para uma vela. Ambos são objetos, ou fenômenos, em minha mente. Uma imagem de uma vela, no sentido óptico, é formada em sua retina, e mensagens nervosas seguem de todas as partes desta imagem para formar o que podemos chamar de imagem cerebral em algum lugar na vizinhança dos tálamos ópticos no interior de seu encéfalo. Esta imagem cerebral é um certo complexo de perturbações na matéria desses órgãos; trata-se de um fato material ou físico, portanto um grupo de minhas possíveis sensações, assim como o é a vela [86]. A imagem cerebral é uma representação imperfeita da vela, correspondendo a ela ponto a ponto de uma certa maneira. Tanto a vela quanto a *imagem cerebral* são matéria; mas um complexo material *representa* o outro complexo material de uma maneira imperfeita.

Agora, a vela não é a realidade externa cuja existência é representada na mente do homem; pois a vela é uma mera percepção em *minha* mente. Nem a imagem cerebral é a percepção do homem da vela; pois a imagem

cerebral é meramente uma ideia de uma possível percepção em minha mente. Mas há uma percepção na mente do homem, que podemos chamar de *imagem mental*; e isso corresponde a alguma realidade externa. *A realidade externa está na mesma relação com a imagem mental como a vela (fenomênica) está com a imagem cerebral.* Agora, a vela e a imagem cerebral são ambas matéria; eles são feitos do mesmo material. Portanto a realidade externa é feita do mesmo material que a percepção do homem ou imagem mental, ou seja, ela é feita de material-mental. E como a imagem cerebral representa imperfeitamente a vela, da mesma maneira e na mesma extensão a imagem mental representa a realidade externa à sua consciência. Assim, para encontrar a coisa-em-si que é representada por qualquer objeto em minha consciência, como a vela, eu preciso resolver esta questão em proporção, ou segundo uma regra de três:

*Assim como a configuração física da minha imagem cerebral do objeto
está para a configuração física do objeto,
assim também minha percepção do objeto
(o objeto considerado como um complexo de meus sentimentos)
está para a coisa-em-si.*

[87] Portanto somos obrigados a identificar a coisa-em-si com aquele complexo de material-mental elementar que, em outras bases, encontramos razão para pensar que acompanha o objeto material. Ou, para dizer o mesmo em outras palavras, a realidade externa às nossas mentes, que é representada em nossas mentes como matéria, é em si material-mental.

O universo, então, consiste inteiramente de material-mental. Uma parte disso está tecido na forma complexa das mentes humanas contendo representações imperfeitas do material-mental fora dele, e deles próprios também, assim como um espelho reflete sua própria imagem em outro espelho, *ad infinitum*. Tal representação imperfeita é chamada de universo material. Ela é um retrato na mete de um homem do universo real de material-mental.

Os dois pontos principais desta doutrina podem ser assim resumidos:

A matéria é uma retrato mental [*mental picture*] na qual o material-mental é a coisa representada.

Razão, inteligência e volição são propriedades de um complexo que é feito de elementos que são eles mesmos não racionais, não inteligentes, não conscientes.

Nota. A doutrina aqui exposta parece ter sido formulada independentemente por muitas pessoas; o que seria natural, visto que ela é (ou parece para mim) uma consequência necessária de avanços recentes na teoria da percepção. Kant² lançou a opinião de que a coisa-em-si poderia ser da natureza da mente [*might be of the nature of mind*]; mas o primeiro enunciado da doutrina em sua verdadeira conexão, que eu conheça, [88] é devido a Wundt. Desde que ela surgiu para mim, há algum tempo, fui levado a encontrá-la indicada, de maneira mais ou menos clara, em muitos escritos; mas esta é uma questão para a qual é peculiarmente difícil de identificar precisamente o que outra pessoa quis dizer, e até o que eu mesmo quis dizer [*and even what one means one's self*].

Alguns autores (por exemplo, o Dr. Tyndall) usaram a palavra *matéria* significando o fenômeno *mais* a realidade representada; e há muitas razões favoráveis a este uso em geral. Mas para os propósitos da presente discussão achei mais claro usar a palavra para o fenômeno, enquanto distinto da coisa-em-si.

² *Kritik der reinen Vernunft*, pp. 287-8, ed. Rosenkranz ["esse algo, considerado como númeno (ou melhor, como objeto transcendental), poderia também, ao mesmo tempo, ser o sujeito dos pensamentos"; KANT, 1781, 1^a ed., A 358]. O enunciado de WUNDT encontra-se nos parágrafos finais do *Grundzüge der physiologischen Psychologie* [1^a ed., 1874: "Esta visão do problema da interação leva inevitavelmente à suposição metafísica de que o mundo consiste de seres simples, que se ligam de maneira multivariada entre si; e suas mudanças externas estão sempre acompanhadas de mudanças em seus estados internos. [...] Assim a consciência humana forma um nó central no curso da natureza, em que o mundo reflete sobre si mesmo", p. 862]. Compare também com HAECKEL, "Zellseelen und Seelenzellen" [Alma da célula e célula de alma] in *Deutsche Rundschau*, julho 1878, vol. XVI, pp. 40-59. ["Este caráter uniforme do protoplasma dotado de alma nos permite a hipótese de que os fatores últimos da vida anímica são os plastídulos, as partículas ou moléculas de protoplasma, invisíveis, homogêneas e elementais, que numa multiplicidade ilimitada compõem o sem-número de células".]